



**Matriz poética bíblica: um percurso de leitura de *A paixão segundo G. H.***

Matriz poética bíblica: una ruta de lectura de *A paixão segundo G. H.*

Tânia Jordão\*

**Resumo:** Ao construir seu quinto romance, Clarice Lispector parte de uma matriz poética bíblica para estruturar seu texto, numa travessia em sentido inverso ao pretendido pela Escritura Sagrada. Nesse deslocamento, leva o leitor a atravessar um deserto com G. H.

**Palavras chave:** Bíblia. Passagem. Lispector.

**Resumen:** Cuando construye su quinta novela, Clarice Lispector parte de una matriz bíblica para estructurar su texto. Un paso en la dirección opuesta a la prevista por la Sagrada Escritura. En este cambio, lo lleva el lector a cruzar un desierto con G. H.

**Palabras claves:** Biblia. Pasaje. Lispector.

Em *A paixão segundo G. H.*, Clarice Lispector faz sua personagem, G. H., percorrer um deserto insólito, enquanto ela mesma, a escritora, faz uma travessia poética da Bíblia para sua narrativa e convida o leitor a errar também. Essa opção pela errância na escrita talvez seja consequência de sua própria vida, pois nasceu quando sua família fugia à perseguição aos judeus, na Rússia. Chegou ao Brasil aos dois meses; aqui, seguiu migrando de Alagoas a Pernambuco e daí ao Rio e, após casar-se, viveu em diversos países do mundo, acompanhando seu marido, um embaixador. Consequentemente, teve seus dois filhos em países distintos: Pedro, na Suíça, e Paulo, nos Estados Unidos.

Ela não é considerada uma escritora tipicamente judaica, pois, ocultava suas origens, querendo ser reconhecida simplesmente como brasileira. O que é compreensível dentro do período de influência nazifacista em que viveu. Assim mesmo, toma a passagem, tema caro, cerne do judaísmo, como forma de estruturar sua narrativa. A Escritura Sagrada lhe oferece a terra que escritora, personagem e leitor percorrem em *A paixão segundo G. H.*, indo do texto matriz (Bíblia, Paixão de Cristo) ao romance. Não qualquer leitor, mas as “pessoas de alma já formada”, que a escritora deseja como leitoras dessa sua obra, capazes também de atravessar o deserto, refazer a Paixão, porque “sabem que a aproximação, do que quer que seja, se faz gradualmente e penosamente – *atravessando* inclusive o *oposto* daquilo que se vai aproximar.”<sup>1</sup>



Existem no romance evidentes ecos bíblicos: nas paródias de textos tanto do Antigo quanto do Novo Testamento (“sempre pareci preferir a paródia, ela me servia” (p. 21)); no uso da inclusão, dos dualismos e paradoxos; nas alusões explícitas ou implícitas à história de Israel; na etimologia de palavras que tenham uma importância especial no conjunto das obras do Pentateuco (*Torah*); na forma poética comum aos Livros Proféticos (*Neviim*) e Sapienciais (*Kethuvim*), nos temas escolhidos, na vocação para o sublime que sua narrativa possui.

A prosa poética que encontramos na obra em análise é, portanto, densa em registros que evocam a Bíblia. Aliás, Haroldo de Campos, ao referir-se às contribuições de Meschonnic, afirma que esse poeta francês julga “não pertinente quanto aos textos bíblicos a distinção convencional entre poesia e prosa”, a propósito, Campos comenta que o ensaísta enfatiza o aspecto ritmopeico, rítmico-prosódico do original hebraico como sendo uma pontuação do fôlego. Meschonnic refere-se à estrutura rítmica bíblica como portadora de sentido (CAMPOS, 1991, p. 26). Ora, isso se dá largamente na escritura clariceana — como aliás já tem sido apontado pela crítica — desde o estranhamento com sua sintaxe inusitada até a constatação relativa à poeticidade da sua prosa. É ainda o mesmo Haroldo de Campos que, em seu ensaio introdutório ao poema sapiencial: *Qohélet/ O-que-sabe*, transcrito por ele, nos diz:

Para enfrentar a dificuldade apontada por N. Frye na tradução bíblica — o contraste no texto entre o tom oracular (autoritário-repetitivo) e o mais imediato e familiar (registros partilhados entre a “voz de Deus” e a “voz do homem”), temos já, em nossa língua, na prática literária moderna, um fundo retórico preconstituído, graças a escritores como Guimarães Rosa (Grande Sertão) e João Cabral (Autos), como também a certo estrato da dicção drummondiana. Abeberaram-se, todos, na tradição (memória oral do povo) e na inovação paralela; na surpresa “consentida” de efeitos sonoros, lexicais e morfossintáticos, frequentes vezes resgatados por revitalização ao arcano das falas populares; ao mesmo tempo remotos e saborosamente vivos, atualíssimos, portanto. (CAMPOS, 1991, p. 34-35)



Certamente sem visar preservar o registro da oralidade, mas, com muita propriedade esculpindo uma “surpresa ‘consentida’ de efeitos sonoros, lexicais e morfossintáticos” não seria o caso de incluirmos Clarice Lispector entre esses inovadores do Modernismo? Se não, ao menos que se ressalte que a “extrema flexibilidade da forma expressiva da literatura bíblica (grupos condensos de palavras regidos por variações paralelísticas semântico-sintáticas; ritmo de aparência ‘livre’)”, como o diz B. Hrushovski,<sup>2</sup> transborda em sua obra. Enquanto G. H., personagem-narradora, faz sua árdua passagem pelo deserto, comunica a secura silenciosa que experimenta:

O grito ficara me batendo dentro do peito. (p. 32)

Nenhum ruído e no entanto eu bem sentia uma ressonância enfática, que era a do silêncio roçando o silêncio. (p. 33)

Mas se souberem, assustam-se, nós que guardamos o grito em segredo inviolável. (p. 41)

Minha tensão de súbito quebrou-se como um ruído que se interrompe. E o primeiro verdadeiro silêncio começou a soprar. [...] Enfim o corpo, embebido de silêncio, se apaziguava. (p. 42)

[...] e meus lábios secos recuaram até os dentes. [...] a vida me havia acontecido de dia. (p. 51)

Dentro do mesmo filão de expressões saborosas, vale ressaltar a beleza da frase seguinte que, na edição que utilizo, falta a última vírgula: “Nem mesmo o medo mais, nem mesmo o susto mais.” Entretanto, noutras edições a expressão aparece sempre conforme grafada a seguir, o que modifica por completo o período e dá-lhe outra carga de poeticidade, certamente mais próxima à poética de Clarice: “Nem mesmo o medo mais, nem mesmo o susto, mais.” (p. 69)

Sigo com outras expressões ontológicas de *A paixão segundo G. H.*, das muitíssimas que poderia selecionar, mantendo, ainda, a ordem em que aparecem no texto:

Os edifícios de apartamentos como aldeias acoradas. (p. 69)



Pois a barata me olhava com sua carapaça de escaravelho, com seu corpo rebentado que é todo feito de canos e de antenas e de mole cimento — e aquilo era inegavelmente uma verdade anterior a nossas palavras... (p. 77)

De madrugada estarei de pé ao lado do ginete mudo, com os primeiros sinos de uma Igreja escorrendo pelo regato, com o resto das flautas ainda escorrendo dos cabelos. (p. 83).

— Tu eras a pessoa mais antiga que eu jamais conheci. Eras a monotonia de meu amor eterno, e eu não sabia. Eu tinha por ti o tédio que sinto nos feriados. O que era? era como a água escorrendo numa fonte de pedra, e os anos demarcados na lisura da pedra, o musgo entreaberto pelo fio d'água correndo, e a nuvem no alto, e o homem amado repousando, e o amor parado, era feriado, e o silêncio no vôo dos mosquitos. E o presente disponível. E minha libertação lentamente entediada, a fartura, a fartura do corpo que não pede e não precisa. (p. 100)

As asas das coisas estavam abertas, ia fazer calor de tarde, já se sentia pelo suor fresco daquelas coisas que haviam passado a noite morna, como num hospital em que os doentes ainda amanhecem vivos. (p. 100)

Passei pelo roer a terra e pelo comer o chão. (p. 100)

Meu mundo hoje está cru [...] quero a raiz grossa e preta dos astros. (p. 101)

[...] fechei os olhos com a força de quem tranca os dentes... (p. 105)

Sua linguagem, rica em recursos expressivos, envolve tanto o plano prosódico quanto o nível da repetição dos sons, aliteraões, paronomásias. Não é raro que se depare, ainda, com alguma adjetivação estranha: “E estremeci de extremo gozo como se enfim eu estivesse atentando à grandeza de um instinto que era ruim, total e infinitamente doce. [...] Eu me embriagava pela primeira vez de um ódio tão límpido como de uma fonte.” (p. 35).



No entanto, mais frequentes são as frases em que o ritmo é essencialmente musical; “nossas mãos que são grossas e cheias de palavras” (p. 101), em que há uma exploração nítida do poder sugestivo da consoante /s/. Desse modo “*eram* nervos seccionados que tivessem secado suas extremidades em *arame*” (p. 29. Grifos meus). Em que, além da aliteração do som /s/, se tem essa “moldura” original: *eram/arame*. Já em “A vida se vingava de mim, e a vingança consistia apenas em voltar, nada mais. [...] Os possessos, eles não são possuídos pelo que vem, mas pelo que volta. Às vezes a vida volta” (p. 46) temos outros dois sons muito queridos nessa obra /v/ e /p/. Bem menos frequentes são os encontros consonantais e dígrafos que se interpolam como em: “e que se tornou uma criança-semente que não se quebra com os dentes”. (p. 101)

Já o oxímoro, construído em dualidades e antíteses, “sutura da linguagem e do pensamento,” como quer Sant’Anna, transborda do texto “com frases, às vezes, lógica e gramaticalmente ‘catastróficas’, porque subvertem o solo linguístico tradicional” (SANT’ANNA, 1988, p. 253). Por exemplo:

Era finalmente agora. (p. 53)

Assim se morre sem se saber para onde. (p. 53)

Eu quero o que eu te amo. (p. 89)

De fato, Sant’Anna nota o acentuado uso de oxímoros na obra. Mais: chega a constatar que a própria história se constroi a partir de uma desconstrução. Afirma que o romance se estrutura a partir da catástrofe, tanto narrativa quanto da própria linguagem, pois é uma obra de linguagem que se efetiva a partir da negação da linguagem convencional. O crítico observa “que nos três níveis de uma análise estrutural: narração, personagens e lingua(gem), ocorre o oxímoro” (SANT’ANNA, 1988, p. 255).

Mas note-se, a partir da literatura bíblica, que o próprio cristianismo nasce da fé na ressurreição de Cristo, após sua paixão. Tal paradoxo: derrota que se faz vitória, morte que germina/culmina ressurreição é a raiz não só da fé cristã, como da construção mesma de toda a experiência narrada no Novo Testamento. O paradoxo é um metalogismo da mesma forma que as repetições. É por meio dos enunciados paradoxais que Clarice Lispector diferencia poeticamente sua prosa e são eles que tentam interpretar a experiência de G. H.: “Eu estava vendo o que só teria sentido mais tarde — quer dizer, só mais tarde teria uma profunda falta de sentido.”



A respeito dos opostos que formam oxímoros em *A paixão Segundo G. H.*, retomo alguns deles:

Viver não é vivível. (p. 15)

Minha rouquidão de muda já era rouquidão. (p. 61)

Não me deixes tomar essa decisão já tomada. (p. 63)

Medo da minha falta de medo. (p. 64)

Eu agora era pior do que eu mesma. (p. 83)

O opaco me reverberava os olhos. (p. 88)

Eu sempre havia tido uma espécie de amor para o tédio. E um contínuo ódio dele. (p. 91).

Se eu tivesse precisado tanto de mim para formar minha vida, eu já teria tido a vida. (p. 92)

Foi sempre a minha vida errada que me anunciou para a certa. (p. 98)

Assim, surgem efeitos poéticos também da forma surpreendente como novos sentidos são agregados às palavras: “Trata-se exatamente de agora [...] até as bordas do copo verde. O tempo freme como um balão parado. O ar fertilizado e arfante.” (p. 53). “Sentada, eu estava consistindo. Sentada, consistindo, eu estava sabendo [...]” (p. 56). Aqui, vale notar que além do inusitado uso do verbo “consistir” também é evidente, no excerto, a repetição.

Essa matriz poética, a repetição, é largamente usada nos livros sapienciais bíblicos (em quase todos os Salmos, no Cântico dos Cânticos, no Eclesiastes, nos Provérbios...) e mesmo no Novo Testamento. Exemplo típico são as bem-aventuranças em Mt 5:3-12 e Lc 6:20-23. Transcrevo, a seguir, as maldições, também em Lucas, capítulo 6:

[...] ai de vocês, os ricos, porque já têm a sua consolação!  
Ai de vocês, que agora têm fartura, porque vão passar fome!  
Ai de vocês, que agora riem, porque vão ficar aflitos e vão chorar!  
Ai de vocês, se todos os elogiam, porque era assim que antepassados deles tratavam os falsos profetas.

E um dos muitos trechos permeados de repetições do romance em estudo:

Eu vi. Sei que vi porque não dei ao que vi o meu sentido.  
Sei que vi – porque não entendo. Sei que vi – porque para nada serve o que vi. (p. 13)



Sant'Anna sublinha, ainda, que os “dois dígitos (a mulher e a barata) têm uma relação de complementaridade binária. São a semente de uma série de desdobramentos, de bifurcações, de dualidades pelas quais caminha toda a narrativa” (SANT'ANNA, 1988, p. 251). Ora, essa é uma forma de expressão comum na Bíblia. Dualidades perpassam os evangelhos, por exemplo. Se tomarmos somente o Evangelho segundo Mateus, e sem referências aos textos laterais e paralelos, em uma demonstração parcial, teremos:

- Bem/mal: Mt 7:15-20.
- Encoberto/descoberto; trevas/luz; segredo/anúncio: Mt 10: 26-27.
- Festa (casamento)/enterro; penitência/condescendência: Mt 11:17-19.
- Sábios/simples: Mt 11 :25-26.
- Sujeição/suavidade; pesado/leve: Mt 11:30.
- Boa semente/má semente: Mt 13:24-30 (parábola do joio); 36-43 (explicação da parábola).
- Esconder/achar; vender/comprar: Mt 13:44-46 (parábola do tesouro e da pérola).
- Puro/impuro: Mt 15:10-20.
- Filhos/cães (judeus/gentios): Mt 15:26.
- Maior/menor: Mt 18:1-4.
- Chefe/servo; primeiro/último: Mt 20:25-28.
- Dizer/fazer: Mt 21:28-32 (parábola dos dois filhos).
- Palavra/ação; humilhar/exaltar: Mt 23:1-12 (hipocrisia e vaidade dos escribas e fariseus).
- Salvação/perdição: Mt 25:31-46 (O último julgamento). De onde nascem todas as demais dualidades do Evangelho segundo Mateus e que é o núcleo da Paixão tanto de Jesus quanto de G. H.
- Vigiar/repousar; prontidão/fraqueza: Mt 26:36-46.
- Amizade/traição: Mt 26:47-56.

É bom considerar, dentro do contexto do pensamento típico do judaísmo, que Mateus, o publicano, pertencente ao colégio dos doze apóstolos, redigiu seu evangelho na Palestina, em língua hebraica (aramaico), ao contrário dos demais sinóticos (segundo e terceiro evangelhos) cuja língua original é o grego. Esse dualismo, expresso por meio de antinomias, é comum na Bíblia. Ora, vários dos temas acima estão presentes em *A paixão segundo G. H.* Em Mateus 10:11-14 aparecem os opostos entrar/sair, também presentes em João 10:9. Opostos que perpassam o excerto a seguir:

[...] por segurança chamarei de achar o momento em que encontrar um meio de saída. Por que não tenho coragem



de simplesmente achar um meio de entrada? Oh, sei que entrei sim. Mas assustei-me porque não sei para onde dá essa entrada. E nunca antes eu me havia deixado levar, a menos que soubesse para o quê. (p. 10)

Mas há uma dualidade fundamental que atravessa o quinto romance de Clarice, um caminho principal que se bifurcará em vários secundários. Trata-se de salvação/perdição; achar/perder: grande temor para quem faz sua travessia em um deserto, perder-se é condição para a passagem cristã, é a própria paixão. “Aquele que acha a sua vida, vai perdê-la, mas quem perde a sua vida por causa de mim, vai achá-la” (Mt 10:39). A esse propósito, considerar o *logion* paradoxal sobre as etapas presente e futuro da vida humana: Jo 12: 5: “Quem ama sua vida a perde/ e quem odeia sua vida neste mundo/ guarda-la-á para a vida eterna.” O que em Mateus 16:25 será expresso como: “Pois aquele que quiser salvar a sua vida, vai perdê-la, mas o que perder a sua vida por causa de mim, vai encontrá-la.” Antinomias presentes também em Marcos e Lucas reiteradamente.

Como se lê no Evangelho de João, Jesus exige que se odeie a própria vida para salvá-la. Essa forma de falar é um hebraísmo que, para ressaltar a necessidade do desapego incondicional, fala de “ódio” em oposição à entrega generosa, amor total. Em Lucas, temos: “Se alguém vem a mim e não odeia seu próprio pai e mãe, mulher, filhos, irmãos, irmãs e até a própria vida, não pode ser meu discípulo” (Lc 14:26).

Da mesma forma, o romance *A paixão segundo G. H.* é alicerçado sobre oposições que se constroem a partir das decisões que são tomadas passo a passo pela protagonista. Consideremos, para citar como exemplo, somente o primeiro capítulo do texto – que na verdade já trata da temática que será abordada em toda a obra.<sup>3</sup>

Perder-se/encontrar-se; ganhar/perder:

É difícil perder-se. É tão difícil que provavelmente arrumarei depressa um modo de me achar, mesmo que achar-me seja de novo a mentira de que vivo. Até agora achar-me era já ter uma ideia de pessoa e nela me engastar [...].

Todo momento de achar é um perder-se a si próprio.



Quero saber o que mais, ao perder, eu ganhei. (p. 10, 15)

Coragem/covardia:

Nesta minha covardia – a covardia é o que de mais novo já me aconteceu, é a minha maior aventura, essa minha covardia é um campo tão amplo que só a coragem me leva a aceitá-la – na minha nova covardia, que é como acordar de manhã na casa de um estrangeiro, não sei se terei coragem de simplesmente ir. (p. 9-10)

Prisão/liberdade:

A ideia que eu fazia de pessoa vinha da minha terceira perna, daquela que me plantava no chão. [...] As duas pernas que andam, sem mais a terceira que prende. E eu quero ser presa. Não sei o que fazer da aterradora liberdade que pode me destruir. Mas enquanto eu estava presa, estava contente? ou havia, e havia, aquela coisa sonsa e inquieta em minha feliz rotina de prisioneira? (p. 10-11)

Forma/caos – forma/nada:

Mas é que também não sei que forma dar ao que me aconteceu. E sem dar uma forma, nada existe. [...] Uma forma contorna o caos, uma forma dá construção à substância amorfa [...].

Devo ficar com a visão toda [...] ou dou uma forma ao nada. (p. 11)

Vida/morte:

[...] por um átimo experimentei a vivificadora morte. A fina morte que me fez manusear o proibido tecido da vida. É proibido dizer o nome da vida. E eu quase o disse. Quase não me pude desembaraçar de seu tecido, o que seria a destruição dentro de mim de minha época. (p. 12)

Compreender/não compreender:



Toda compreensão súbita é finalmente a revelação de uma aguda incompreensão. [...] Talvez me tenha acontecido uma compreensão tão total quanto uma ignorância. [...] Qualquer entender meu nunca estará à altura dessa compreensão [...]. (p. 12)

Encontro/desencontro:

[...] eu que sempre pensara que encontrar seria fértil e úmido como vales fluviais. Não contava que fosse esse grande desencontro. (p. 13)

Carência/amor:

Aquilo que provavelmente pedi e finalmente tive veio no entanto me deixar carente como uma criança que anda sozinha pela terra. Tão carente que só o amor de todo o universo por mim poderia me consolar e me cumular [...]. (p. 14)

Além desse aspecto relacional dos contrários em que se fundamenta *A paixão segundo G. H.*, pode-se observar aquilo que Luís Costa Lima irá denominar como sendo uma via mística ao revés (LIMA, 1969, p. 98-124). De fato, G. H., representante do Gênero Humano,<sup>4</sup> percorre sua via em oposição à traçada pelo Filho de Deus. Transcrevo, a seguir, um trecho da oração de Jesus logo antes de sua paixão, segundo o Evangelho de João. (17:11d; 12c.;21bc.;22-23.)

Pai santo,  
guarda-os em teu nome  
que me deste,  
para que sejam um como nós.  
Quando eu estava com eles,  
eu os guardava em teu nome  
que me deste;  
[...]  
Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti,  
que eles estejam em nós.  
[...]  
Eu lhes dei a glória que me deste  
para que sejam um, como nós somos um:  
Eu neles e tu em mim,  
para que sejam perfeitos na unidade



e para que o mundo reconheça que me enviaste  
e os amaste como amaste a mim.

Pode-se, assim, observar os termos repetidos como no texto a seguir, um dos muitos do romance em estudo que, como se verá, além do uso repetido de vocábulos, também se mostra como o percurso contrário do texto anterior:

Meu Deus, dá-me o que fizeste. Ou já me deste? e sou eu que não posso dar o passo que me dará o que já fizeste? O que fizeste sou eu? e não consigo dar o passo para mim, mim que és Coisa e Tu. Dá-me o que és em mim. Dá-me o que és nos outros, Tu és o ele, eu sei, eu sei porque quando toco eu vejo o ele. Mas o ele, o homem, cuida do que lhe deste e envolve-se num invólucro feito especialmente para eu tocar e ver. E eu quero mais do que o invólucro que também amo. Eu quero o que eu Te amo. (p. 89).

A repetição, aliada à paródia de certas expressões bíblicas, constitui, no texto, a raiz principal de onde emana a seiva retórica. “Imitação que me deu a chance de usar um tom monótono que me satisfaz muito: a repetição me é agradável, e repetição acontecendo no mesmo lugar termina cavando pouco a pouco, cantilena enjoada diz alguma coisa,” declara Clarice.<sup>5</sup>

O emprego reiterado dos mesmos termos e das mesmas frases, apresenta-se sob determinadas formas características dotadas de valor rítmico, desempenhando sempre função expressiva. Na literatura bíblica, sobejam exemplos desse procedimento tão recorrente também na obra de Clarice. Clássico, nesse sentido, é o prólogo de João: “No princípio era o Verbo [...] tudo foi feito por meio dele [...]” que retoma tema e termos das primeiras palavras da Bíblia: “No princípio Deus criou [...]”.

A propósito de *A paixão segundo G. H.*, a própria narradora traz essa marca, a cópia, em seu relato, como antes em sua vida de escultora: “Ah, será mais um grafismo que uma escrita, pois tento mais uma reprodução que uma expressão. Cada vez preciso menos me exprimir. Também isso perdi? Não, mesmo quando eu fazia esculturas eu já tentava apenas reproduzir” (p. 15). G. H. afirma viver entre aspas, citar o mundo. Sua casa é uma réplica:

Tudo aqui se refere na verdade a uma vida que se fosse real não me serviria. O que decalca ela, então? Real, eu



não a entenderia, mas gosto da duplicata e a entendo. A cópia é sempre bonita. [...] sempre pareci preferir a paródia, ela me servia [...] decalcar uma vida provavelmente me dava segurança exatamente por essa vida não ser minha [...] (p. 21.)

A narradora, que prefere o decalque, a duplicata, uma vez mais parodia o texto bíblico: “Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição. E muitos são os que entram por ele. Estreita, porém, é a porta e apertado o caminho que conduz à Vida. E poucos são os que o encontram” (Mt 7:13-14). Na voz da personagem: “A entrada para este quarto só tinha uma passagem, a estreita: pela barata” (p. 39). A barata! figura do Bom Pastor, que é o caminho para a Vida: “Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim será salvo; entrará e sairá e encontrará pastagem.” (Jo 10:9)

Em sua busca da forma narrativa, em suas reiteradas paródias da Bíblia, a narradora que decalca para ter segurança também faz alusões ao profeta Isaías quando, ao iniciar sua narração, diz: “Soube o que não pude entender, minha boca ficou selada, e só me restaram os fragmentos incompreensíveis de um ritual” (p. 12). Ora, Isaías tem uma visão que o deixa cheio de pavor: “Ai de mim, estou perdido!” (Is 6:5) – tal qual o sentimento que G. H. descreve sobre si no primeiro capítulo da obra, ao rememorar sua “visão” –, em seguida, como G. H., que tem a boca selada,<sup>6</sup> o profeta tem os lábios tocados por uma brasa (6:6). Assim, purificado, poderá proclamar a Palavra de Deus; aliás como Jeremias (Is 1:9) e mesmo Ezequiel (3:1-3).

Na experiência de Jeremias, o profeta expressa toda a dor de experimentar-se convocado para a missão. Sente a violência sedutora do Senhor: Jer 15:10-21; 20:7-18: “Tu me seduziste, Iahweh, e eu me deixei seduzir;/ Tu te tornaste forte demais para mim, tu me dominaste.” Por sua vez, G. H., conhecedora da experiência dos chamados, observa que quando Deus escolhe alguém porque precisa especialmente dele, violenta-o, e nós também podemos violentar Deus (p. 97). Talvez ressoe aqui, ainda, o texto de Mt 11:12: “[...] o Reino dos céus sofre violência dos que querem entrar e violentos se apoderam dele.” Que, em G. H., ecoará: “Tenho que me violentar para precisar mais” (p. 97).

Em sua travessia pelo deserto, na árida passagem pela linguagem muda, “malogro da voz”, continua decalcando a Bíblia como no excerto do Evangelho segundo Mateus 5:3: “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus”, enquanto, em Clarice: “A revelação do amor é uma revelação de carência – bem-aventurados os pobres de espírito porque deles é o



dilacerante reino da vida” (p. 97); alude ao decálogo (Ex 20:12): “falta (*sic*), por exemplo, pai e mãe; ainda não tive a coragem de honrá-los” (p. 103) e cita literalmente uma das frases de Jesus (Lc 23:31), a caminho do Calvário: “Ele dissera: ‘Se fizeram isto com o ramo verde, o que farão com os secos’” (p. 84).

Porém, dentre as paródias mais expressivas, ainda que apareça fragmentada ao longo do texto, está a oração “Ave Maria”. Constituída de duas partes, a primeira é uma junção de dois versículos bíblicos, saudação do anjo Gabriel: “Alegra-te (ave), [Maria,] cheia de graça, o Senhor está contigo” (Lc 1:28) acrescido da exclamação de Isabel: “Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto de teu ventre!” (Lc 1:42). A segunda parte é uma súplica dos fiéis: “Santa Maria, mãe de Deus, rogai<sup>7</sup> por nós pecadores agora e na hora de nossa morte. Amém!” Como é comum aos cristãos que rezam a Ave Maria dirigirem-se à mãe de Jesus com a expressão “minha mãe”, também ela será retomada aqui.

Santa Maria, mãe de Deus, ofereço-vos a minha vida em troca de não ser verdade aquele momento de ontem (p. 50).

[...] e eu também sabia que na hora de minha morte eu também não seria traduzível por palavra (p. 51).

Reza por mim, minha mãe, pois não transcender é um sacrifício (p. 54).

O que sai da barata é: “hoje”, bendito o fruto de teu ventre (p. 55).

[...] porque, minha mãe, eu me habituei [...] (p. 55).

– Mãe: matei uma vida, e não há braços que me recebam agora e na hora do nosso deserto, amém. Mãe, tudo agora tornou-se de ouro duro. Interrompi uma coisa organizada, mãe, e isso é pior que matar, isso me fez entrar por uma brecha [...] estou com medo de minha rouquidão, mãe.

A barata é de verdade, mãe.

– Mãe, eu só fiz querer matar, mas olha o que quebrei: quebrei um invólucro! [...]De dentro do invólucro está saindo um coração grosso e branco e vivo como pus, mãe,



bendita sois entre as baratas, agora e na hora desta tua  
minha morte, barata e joia (p. 61).

Neste contexto, considere-se ainda outra trilha em que Clarice se desloca,  
partindo da paixão de Jesus segundo João 18:36 para chegar à paixão segundo  
G. H. Trata-se da resposta dada por Jesus a Pilatos, em sua paixão: “O meu  
reino não é deste mundo”:

Então pela porta da danação eu comi a vida e fui comida  
pela vida. Eu entendia que meu reino é deste mundo. E  
isto eu entendia pelo lado do inferno em mim. (p. 77)

Porque é como se eu estivesse me dando a notícia de que o  
reino dos céus já é. (p. 95)

E eu não quero o reino dos céus, eu não o quero, só  
aguento a sua promessa. [...] Mas o Deus é hoje e seu reino  
já começou. (p. 95)

E seu reino, meu amor, também é deste mundo. (p. 95)

Meu reino é deste mundo... e meu reino não era apenas  
humano. Eu sabia. Mas saber disso espalharia a vida-  
morte, e um filho no meu ventre estaria ameaçado de ser  
comido pela própria vida-morte, e sem que uma palavra  
cristã tivesse sentido... Mas é que há tantos filhos no  
ventre que parece uma prece. (p. 80)

Essa técnica discursiva, que ocorre em todo o livro, vai além da simples paródia  
de textos bíblicos. Chega ao limite, após o momento ritual da preparação para  
que se coma a barata. Por analogia, associa-se logo o gosto quase nulo da massa  
branca da barata à hóstia. É a própria narradora quem o diz: “Ah, as tentativas  
de experimentar a hóstia”. (p. 157)

É a culminância da travessia da escritora, da personagem-narradora G. H. e  
“das pessoas de alma já formada” que a leem. Gradual e penosamente, nesse  
deserto, vai-se, da paixão de Jesus segundo os evangelistas à paixão segundo G.  
H., deslocando-se, em sentido oposto à Bíblia, pelo único lugar possível, de  
passagem, de busca, de solidão.

-----



\* **Tânia Jordão** é Mestre em Letras: Estudos Literários pela UFMG. Foi professora na PUC-Minas e leitora do Brasil na Universidade Omar Bongo, em Libreville, Gabão.

---

## Notas

<sup>1</sup> Nota “a possíveis leitores” que precede o romance *A paixão segundo G. H.*

<sup>2</sup> HRUSHOVSKI, B. citado por CAMPOS, 1991, p. 28.

<sup>3</sup> Também esse é um procedimento recorrente nos livros bíblicos. O Prólogo de João (Jo 1:1-18), por exemplo, aborda todos os temas que serão desenvolvidos no quarto Evangelho.

<sup>4</sup> JORDÃO, Tânia. Travessia pelo avesso. Nesse artigo mostro que G. H. vive sua paixão como uma experiência mística oposta à paixão de Cristo. Esta se dá porque o Filho de Deus assume nossa humanidade, aquela se apresenta como o avesso da paixão bíblica: G. H. faz sua travessia perdendo a própria humanidade.

<sup>5</sup> LISPECTOR, em “Fundo de Gaveta” (saiu na mesma ocasião que *A paixão segundo G. H.*), 1964, p. 293.

<sup>6</sup> Ainda que “selar” se refira a fechar hermeticamente, carrega também a conotação de trazer o selo de alguém. É o que ocorre com o profeta, que tendo sua boca tocada pela brasa, passa a falar em nome de Deus. Claro que aqui também se poderia seguir na análise do reverso do texto bíblico que Clarice faz. Nesse caso, poder-se-ia partir da oposição: G. H. tem a boca fechada (selada, impossibilitada de falar) e Isaías a boca aberta (selada pela brasa para falar em nome de Deus).

<sup>7</sup> Em português, na oração “Ave Maria”, usa-se o plural: “vós”.

## Referências

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

BORELLI, O. A difícil definição. In: LISPECTOR, C. *A paixão segundo G. H.* Edição crítica. Coord. Benedito Nunes. Florianópolis: Editora UFSC, 1988.

CAMPOS, Haroldo. *Qohélet / o-que-sabe: Eclesiastes. Poema sapiencial (transcrição)*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

GUINSBURG, Jacó. *Qohélet, o-que-sabe que não sabe*. In: CAMPOS, Haroldo. *Qohélet / o-que-sabe: Eclesiastes. Poema sapiencial (transcrição)*. São Paulo: Perspectiva, 1991. (p. 235-236)

JORDÃO, Tânia. Travessia pelo avesso. *Em Tese*. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, v. 12, dez. 2008.



- 
- LIMA, Luiz Costa. A mística ao revés de Clarice Lispector. In: \_\_\_\_\_. *Por que Literatura*. Petrópolis, Vozes, 1969. p. 98-124.
- LISPECTOR, Clarice. *A legião estrangeira*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1964. (Incluindo "Fundo de gaveta").
- LISPECTOR, C. *A paixão segundo G. H.* Edição crítica. Coord. Benedito Nunes. Florianópolis: Editora UFSC, 1988.
- SÁ, Olga de. *Clarice Lispector. A travessia do oposto*. São Paulo: Annablume, 1993.
- SÁ, Olga de. Paródia e Metafísica. In: LISPECTOR, C. *A paixão segundo G. H.* Edição crítica. Coord. Benedito Nunes. Florianópolis: Editora UFSC, 1988.
- SANT'ANNA, Afonso Romano de. O ritual epifânico do texto. In: LISPECTOR, C. *A paixão segundo G. H.* Edição crítica. Coord. Benedito Nunes. Florianópolis: Editora UFSC, 1988.
- WALDMAN, Berta. Por linhas tortas: o judaísmo em Clarice Lispector. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*. Belo Horizonte, v. 5, n. 8, mar. 2011.